

Teatro: Neila Tavares volta aos palcos depois de dez anos • 5

SEGUNDO CADERNO

Zuenir: O passado recente do país ainda bate à porta • 12

SÁBADO, 6 DE NOVEMBRO DE 1999

Maestro abençoado

Nos EUA há 32 anos, Moacir Santos refaz seu trajeto e ganha tributo no Rio

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Nos versos de "Samba da bênção" (parceria com o violonista Baden Powell), o poeta Vinicius de Moraes sintetizou a importância desse músico brasileiro pouco reconhecido no seu país natal: "A bênção Maestro Moacir Santos que não é só, mas tantos, tantos como o meu Brasil de todos os Santos, inclusive meu São Sebastião." Radicado há 32 anos nos Estados Unidos, o maestro, compositor, arranjador e saxofonista Moacir Santos tem agora sua obra revisitada pelo pianista e arranjador Cristóvão Bastos e o saxofonista e produtor Zé Nogueira. Os dois participam — terça e quarta-feira próximas, às 21h — da série Grandes Encontros, no Teatro do Leblon, fazendo um tributo a Moacir Santos.

Nascido num lugarejo entre Serra Talhada e Bom Nome, no sertão pernambucano, há 73 anos, Moacir Santos, que se recupera de um derrame sofrido há pouco tempo, conta, em entrevista exclusiva ao GLOBO, sua trajetória de menino pobre e músico prodígio a professor idolatrado nos EUA. Iniciado em bandas e circos do Nordeste, Moacir viveu por 20 anos no Rio, foi maestro da Rádio Nacional, compositor de trilhas de cinema, professor de talentos como Paulo Moura, Sérgio Mendes, Roberto Menescal, Nara Leão, Dori Caymmi, Carlinhos Lyra, Oscar Castro-Neves, Baden Powell, Do Um Romão, João Donato, Aírto Moreira e Flora Purim. Ele mudou-se para os EUA em 1967, onde continuou ensinando e compondo para filmes.

Numa de suas visitas ao Brasil, foi atrás de suas raízes, descobrindo que fora registrado com o nome de Muassi e que o sobrenome Santos vinha da família que o criou. Em Recife, teve a primeira oportunidade no rádio, no programa "Vitrine", da Rádio Clube de Pernambuco, onde ficou conhecido como "o saxofonista negro". Aos 18 anos, à época de se alistar no serviço militar, ouviu dizer que havia vagas na banda da polícia militar da Paraíba. Em João Pessoa, além de se tornar sargento e músico da banda, conheceu e se casou com Cleonice, sua companheira até hoje. Tornou-se líder musical da rádio Tabajara, no lugar de Severino Araújo, que veio com sua orquestra para o Rio de Janeiro. Em 1948 decidiu mudar-se também para o Rio, onde trabalhou na escola Brasil-Danças, ingressando tempos depois na Rádio Nacional como saxofonista da Jazz-Band do maestro Chiquinho. Três anos depois, indicado por Paulo Tapajós, foi promovido a maestro, arranjador e regente da casa ao lado de Radamés Gnattali. Estudou harmonia, contraponto, fuga e composição com todos os expoentes da época, de Claudio Santoro a Guerra Peixe, e também com o alemão Hans Joachim Koellreuter, o famoso professor de Tom Jobim, do qual se tornou assistente. Gravou cinco discos, um no Brasil — o cultuado "Coisas afro-brasileiras" — e quatro nos EUA, um deles indicado para o Grammy. Revolucionário na maneira de compor e escrever para orquestra, especialmente na forma e no ritmo, Santos figura na galeria de gênios que o Brasil, até hoje, infelizmente não soube aproveitar.

• **FLORES DO PAJEÚ, SERTÃO DE PERNAMBUCO:** Depois que minha mãe faleceu, eu, que tinha menos de 3 anos, e meus quatro irmãos, fomos adotados, cada um por uma família diferente. Tenho uma lembrança forte do dia em que ela morreu. Nós morávamos numa garagem e eu estava no quintal tocando nas minhas latinhas e pífanos, quando alguém veio me chamar dizendo que eu tinha que ver minha mãe. Quando cheguei perto, tive a forte sensação de que ela não estava mais lá, mesmo vendo o corpo. Me pus numa parede, comecei a chorar e fui rodeado por quatro meninos mais ou menos do meu tope, companheiros da minha brincadeira preferida: imitar a banda da cidade. Flores do Pajeú, no interior de Pernambuco, era um lugar pequeno, pobre e quente. Por causa disso era costume as crianças andarem nuas. E a banda, da qual era líder, era uma banda de meninos nus. A única música que ouvi na infância foi a da banda da Prefeitura. Rádio só foi aparecer por lá quando eu já tinha 10 anos e a primeira foi inaugurada justamente na casa onde eu morava. Eu vivia com uma família branca remediada e assim pude estudar e completei o ginásio com louvor.

• **VIGIA DE BANDA:** Eu não perdia um ensaio da banda da cidade, era um dos primeiros a chegar. Ficava mexendo nos instrumentos e os adultos diziam para que não mexesse neles. Respeitava na hora mas, logo depois, começava tudo de novo. Insisti tanto que eles me elegeram vigia da banda, para que outros meninos não chegassem perto. Aprendi tudo. Como vigia eu tinha direito a ficar experimentando os instrumentos. A banda tocava basicamente dobrados, às vezes uns maxixes, mas esses eu não entendia muito bem. Na região onde nasci predominavam as coisas de Pernambuco, os frevos e a música branca. Essa história de influência afro só foi acontecer muito mais tarde, quando eu já estava radicado no Rio de Janeiro.

• **FUGA:** Quando tinha 14 anos já era músico da banda local, tocava saxofone, clarinete, pistom, banjo, violão e até bateria. Nunca esqueço do meu primeiro cachê: 30 mil réis. Era dinheiro que não acabava mais. A minha tutora, que era uma senhora solteirona e me maltratava muito, me comprou um uniforme e provavelmente deve ter embolsado o resto. Por causa desses maus-tratos e da necessidade de crescer musicalmente fugi de Flores e fui parar numa cidade vizinha, Alagoa de Baixo, onde já me conheciam por eu ter tocado clarinete em festividades locais. A partir daí comecei a minha vida de andarilho, sempre procurando trabalho nas bandas de música nas várias cidades nordestinas por onde pas-

sei, sendo sempre bem recebido pelos músicos. Eu era muito garoto mas já tocava muito bem, sendo reconhecido pelos músicos que me acolhiam e me arranjavam empregos.

• **CINEMA:** Foi compondo trilhas para o radioteatro que iniciei a carreira como compositor de cinema. João Gilberto me indicou a Jorge Amado para fazer a música do filme "Seara vermelha", baseado no livro de sua autoria e dirigido por R. Aversa. Depois a Nara Leão, que era minha aluna, me apresentou ao Cacá Diegues, cujo filme "Ganga Zumba" foi musicado por mim. Seguiram-se "O santo médico" de Sacha Gordine, "Os fuzis", de Ruy Guerra, "O beijo", de Flávio Tambellini e diversos documentários. Em 1965 fiz a trilha do filme americano "Amor no Pacífico" que foi o estopim da minha ida para os Estados Unidos. Eu já tinha me tornado parceiro de Vinicius de Moraes, já havia gravado o disco "Coisas afro-brasileiras" para a gravadora Forma, de Roberto Quartín, e ganhei do Itamaraty as passagens para assistir à pré-estréia do filme na Califórnia. O produtor do filme nunca me ligou e depois de um ano fui estimulado pelo cantor e arquiteto Luís Claudio, um de meus alunos, a usar as passagens para visitar Nova York.

• **ESTADOS UNIDOS:** Foi uma viagem de passeio em que eu estava mais interessado em aprender inglês do que ficar visitando os lugares. Lembro de uma recepção promovida pelo Clube Brasileiro de Nova Jersey, em que era convidado de honra e estava presente o ex-presidente Juscelino. Fiz muitos contatos importantes por lá e queria falar inglês depressa pois se surgisse a oportunidade de reger uma orquestra não passaria o vexame de precisar de um intérprete. De volta ao Brasil, pedi demissão da Rádio Nacional e me mudei com a família para os Estados Unidos. *Continua na página 4*

Claudio Rossi/8-9-92



MOACIR SANTOS: o maestro, compositor e saxofonista vai ser homenageado por Cristóvão Bastos e Zé Nogueira

CLUBE DO ASSINANTE



"Nicolau Grande & Nicolau Pequeno": 50% hoje e amanhã

R\$ 6 para assistir a infantil

Os assinantes que levarem as crianças para assistir ao infantil "Nicolau Grande & Nicolau Pequeno" têm 50% de desconto em até dois ingressos, hoje e amanhã, e pagam apenas R\$ 6. Em cartaz no Teatro do Leblon (Rua Conde Bernardote 26 — 294-0347), o espetáculo tem texto de Hans Christian Andersen. A adaptação e a direção são de Theotônio de Paiva.

'Nabucco' no Municipal

A ópera "Nabucco", de Giuseppe Verdi, está sendo apresentada no Teatro Municipal (544-2900). Os assinantes têm 20% de desconto em até dois ingressos, que custam de R\$ 15 (galeria) a R\$ 300 (frisas e camarotes).



Ópera: 20% de desconto

Sigilo no Ballroom



Banda Sigilo: no repertório, sucessos das décadas de 60 a 90

A Banda Sigilo se apresenta hoje, às 23h, no The Ballroom (Rua Humaitá 110 — 537-7600). Os sócios do Clube têm 20% de no couvert artístico, que é de R\$ 15. No repertório do grupo, sucessos das décadas de 60 a 90. A consumação é de R\$ 10.

Show no Mistura Fina

O Quarteto Jobim-Morelenbaum faz show hoje no Mistura Fina (537-2844), mostrando as músicas de seu novo CD. Os assinantes têm 20% de desconto no couvert, que custa R\$ 25. A consumação mínima é de R\$ 12.



Jobim-Morelenbaum: novo CD

Comédia por R\$ 7,50

Em cartaz no Teatro da UFF, em Niterói, (622-1212), "Se meu ponto G falasse" está em promoção especial. Hoje, os assinantes que assistirem à comédia têm 50% de desconto no ingresso, que custa R\$ 15.



A peça está com 50% de desconto

Seja sócio desse Clube. Ligue 534-4300

E-mail para esta coluna: clube@oglobo.com.br



Canto suave e guitarras virulentas marcam rock autoral de Bia Grabois

Cantora lança na quarta-feira, no Ballroom, seu primeiro CD, 'Rock me'

João Pimentel

Fruto das reuniões poético-musicais do CEP 20.000, comandadas pelos poetas Chacal, Michel Melamed e Guilherme Závros, que aconteciam no Teatro Sérgio Porto, Bia Grabois seguiu o caminho inverso de crias do mesmo ambiente como Pedro Luís e O Rappa, e deixou de lado a mistura de ritmos brasileiros para optar pelo rock e suas variações. O trabalho autoral — todas as composições do CD "Rock me" (Dubas) são da parceria com o irmão, Mário — e a voz suave que contrasta com guitarras virulentas, podem ser vistas na próxima quarta, às 22h30m, no Ballroom.

— Eu cresci ouvindo muita música brasileira e adoro cantoras como Elis e Nana Caymmi. Mas me identifico muito com a liberdade e a atitude que o rock e o punk possibilitam — diz Bia.

Voz quase sussurrada destila críticas e estética punk

A suavidade da cantora, no entanto, fica restrita a sua voz quase sussurrada. Em suas letras ela ataca as patricinhas ("Patricinha tem que se matar para estar na moda/ patricinha tem que se matar para ser global"), os baianos ("Vou ouvir os baianos/ por mais 50 anos/ como se fossem vanguarda") e destila estética punk em "O homem" ("Minha casa, o lar onde eu vivo/ é um rio de sangue").

— Eu gosto de falar o que penso, o que vejo no dia-a-dia. Não tenho a preocupação de dizer sempre o que as pessoas querem ouvir. Estou construindo o meu caminho da forma que eu acho que o artista tem que trabalhar — explica a cantora, uma das atrações programadas do próximo Abril Pró Rock, em Recife.

O poeta Michel Melamed recorre ao primeiro show que assistiu de Bia Grabois para definir o trabalho da cantora.

— Ela surpreende o público pela música intensa e pela postura meio blasé, que é uma das facetas do rock. ■



BIA GRABOIS, surgida nas reuniões poético-musicais do CEP 20.000, optou pela estética do rock'n'roll

Rock me: Um disco morno que fica apenas como uma promessa

Baladas de fôlego curto e pouca voz

Antonio Carlos Miguel

DISCO CRÍTICA

Um idioma musical restrito, no qual quase tudo já foi feito, o rock não permite grandes expectativas. Resta aos adeptos do gênero reciclar com alguma dose de inventividade riffs e batidas já conhecidos ou apelar para dados extramusicais. A cantora e compositora Bia Grabois ganhou alguma projeção no cenário underground carioca mas "Rock me", seu CD de es-

tréia, não faz jus ao seu trajeto e é apenas uma promessa.

A produção de Tom Capone e Profeta é eficiente, mas o repertório — todo de Bia, em parceria com Mário Grabois — é irregular, alternando baladas cruas e canções pesadas que tangenciam o formato punk. A cantora, com um fiapo de voz que muitas vezes não consegue sustentar a nota, também não ajuda.

Nas 11 faixas do disco, Bia acerta na composição de abertura, "O céu negro", um rock

vigoroso com curiosas pitadas de surf music no arranjo, e também em "O índio", que convence mais pela embalagem instrumental misturando sampler e as guitarristas de Junior, Profeta e Capone.

As deficiências da dupla de compositores saltam mais à vista nas baladas — faixas como "Baby", "Sobre você", "Na TV" e "Meninos" — que, musicalmente, servem apenas como suporte para os textos. Outro fundamento no qual "Rock me" também soa insofocável. ■

MAESTRO ABENÇOADO • Continuação da página 1

A troca de Nova York por Los Angeles

Arranjador dá aulas de música e faz trilhas sonoras para a TV e o cinema

Moacir Santos viveu em Newark por dez meses, estudando inglês e tentando se adaptar ao ritmo frenético de Nova York. Sérgio Mendes, que já estava nas paradas de sucesso, um dia lhe telefonou tentando persuadi-lo a ir para a Costa Oeste. Como lembra o arranjador, Mendes acenou com argumentos irresistíveis: — Ele me disse: "Moacir, você me deu luz! E eu farei todo o possível para lhe agradecer. Viver em Los Angeles é o mesmo que viver naquele clima tropical do Rio de Janeiro".

• **LOS ANGELES:** Pouco depois, seguiu o conselho de Sérgio e me mudei para Los Angeles. Demorei a me adaptar à calma do lugar, o oposto de Nova York, e trabalhei com Sérgio como percussionista. Felizmente, alguns músicos brasileiros souberam que eu acabara de chegar e continuei minha atividade ensinando em casa como fazia no Brasil.

• **JAZZ:** Ao assistir a um show de Horace Silver, perto de Los Angeles, fui cumprimentá-lo no camarim. E para o meu espanto fui reconhecido pelo pianista de jazz como o autor do famoso tema "Naná". Ficamos muito amigos e Horace abriu as portas da gravadora Blue Note na qual gravei três discos: "Maestro" (que concorreu ao prêmio Grammy), "Sau-



MOACIR SANTOS continua em Los Angeles onde dá aulas de música

dade" e "Carnival of the spirits". Depois desse período na Blue Note, fiz um quarto disco no mercado americano, "Opus 3 n° 1", lançado pelo selo Discovery Records.

• **ENSINO E CINEMA:** Em Los Angeles dei aulas em diversas escolas de música, me tornan-

do membro da Music Teachers Association of California. Também fiz a trilha do filme "Happening in Africa" e participei da equipe de criação musical de "Missão impossível" e "Justiça final". ■

MARIO ADNET é compositor e arranjador

O roteiro do tributo

• O tributo a Moacir Santos, nesta terça e quarta-feira, é mais um show na série Grandes Encontros que vem acontecendo mensalmente no Teatro do Leblon.

• **OS SOLISTAS:** Os idealizadores do tributo têm diversos trabalhos na MPB. Pianista, compositor e arranjador, Cristóvão Bastos é o autor, em parceria com Aldir Blanc, de "Resposta ao tempo" e tem um disco solo, "Avenida Brasil". O saxofonista Zé Nogueira trabalhou com Ivan Lins e Ney Matogrosso e também tem um disco solo, "Disfarça e chora".

• **OS MÚSICOS:** A dupla será acompanhada por Jurim Moreira (bateria), João Lyra (violão) e André Neiva (baixo).

• **REPERTÓRIO:** Serão recriados 15 temas de Moacir Santos, incluindo cinco da série "Coisas" e "Suk-cha", "Dia de festa", "Senzala", "Quiet carnival" e "April child".